



SalC e o Carbono Branco



Recolha de ervas marinhas FOTOS RUI SANTOS | DR

MARIA JOÃO NEVES

Doutorada em Filosofia
Contemporânea, investigadora
da Universidade Nova de Lisboa

O planeta inteiro está a sofrer com o agravamento das alterações climáticas, impulsionado pela concentração crescente de gases de efeito estufa na atmosfera, especialmente o dióxido de carbono (CO₂). Nesse contexto, o sequestro de carbono — a capacidade de certos sistemas naturais de absorver e armazenar CO₂ — surge como uma estratégia crucial. Imagine, caro leitor, parte da solução pode estar mesmo aqui ao nosso lado!

Todos nós estamos familiarizados com o sequestro de carbono verde que se refere ao processo realizado pelas plantas terrestres, principalmente florestas tropicais e temperadas, que capturam CO₂ da atmosfera por meio da fotossíntese e o armazenam na biomassa e no solo. Menos conhecido, o sequestro de carbono branco ocorre em ambientes hipersalinos, como salinas naturais e lagoas salgadas, que têm a capacidade de armazenar carbono orgânico de forma estável devido à baixa decomposição microbiana. O projecto **SalC – Valorização das Salinas para o Sequestro de Carbono e Mitigação das Alterações Climáticas** é uma iniciativa inovadora liderada pelo **BlueZ C Institute**, uma *spinoff* da Universidade do Algarve dedicada à conservação marinha e economia do carbono, em parceria com o Município de Castro Marim, a Eurocidade do Guadiana e a empresa MadeinSea. Este projecto visa trans-

formar as salinas tradicionais de Castro Marim, propriedade da MadeinSea, em sumidouros naturais de carbono, explorando o conceito emergente de sequestro de **carbono branco**.

Como é isto possível? A ideia da BlueZC é a de restaurar o ecossistema de ervas marinhas que tem uma capacidade de sequestro de carbono entre 8 e 30 vezes superior ao de uma floresta verde! O projecto pretende criar uma maternidade de ervas marinhas nos canais de água salgada que alimentam os tanques de evaporação que, posteriormente, darão lugar aos cristalizadores onde se produz o sal. Os investigadores também já demonstraram que as ervas marinhas ajudam à purificação da água incluindo a retenção de microplásticos, beneficiando directamente a produção de sal. Deste modo, o projecto visa aumentar a cadeia de valor da salinicultura tradicional, transformando uma actividade sazonal em permanente e criando novos postos de trabalho qualificados. Com um investimento total de cerca de 200.000 euros, financiado em 75% pela Fundação La Caixa, o projecto SalC foi vencedor do Prémio Promove 2023, reconhecendo o seu potencial na dinamização das regiões do interior de Portugal e na promoção de práticas sustentáveis. Implementado neste momento nas salinas de Castro Marim, estuda-se a viabilidade de expansão de **SalC** para outros ecossistemas na região e, potencialmente, para empresas salineiras no sul da Europa. Neste sentido, e tendo como parceiro a Eurocidade do Guadiana, os investigadores já se encontram em contacto com as Salinas del Aleman, únicas na província de Huel-

va onde se extrai sal por métodos tradicionais. A visita realizada em Dezembro passado permitiu o intercâmbio de experiências e o gizar de planos de expansão para replicação desta ideia.

Tudo isto são muito boas notícias e devemos sentir-nos orgulhosos por estes investigadores portugueses estarem a levar a cabo um projecto único no mundo (por enquanto) e com tanto potencial de expansão futura. Porém, como referi acima, desenvolver processos de sequestro de carbono baseados na natureza constitui apenas parte da solução.



Plantação de ervas marinhas

É essencial resolver os problemas estruturais reduzindo as emissões de carbono de forma contundente. A Ética Ambiental chama a atenção para a *falácia da solução tecnológica*. Esta falácia refere-se à tendência para se confiar exclusivamente na inovação técnica como saída para problemas éticos e sistémicos, desresponsabilizando os principais emissores e postergando mudanças estruturais.

Se o sequestro de carbono for utilizado como substituto para a redução real das emissões — permitindo que as empresas continuem a poluir sob o pretexto de compra de créditos de carbono que supostamente as deixariam numa situação de *neutralidade carbónica* — em termos reais, a concentração de carbono na atmosfera não diminui! A compra de créditos de carbono pode transformar-se numa ferramenta de *greenwashing*, isto é, uma estética de sustentabilidade que encobre práticas destrutivas. Nesse caso, longe de ser uma solução ética, este procedimento poderia tornar-se numa forma de manutenção do *status quo*, mascarando desigualdades e injustiças ambientais.

Por outro lado, a ética Ambiental propõe a superação do antropocentrismo tradicional — a ideia de que os seres humanos ocupam posição central e superior na hierarquia dos seres vivos e plantas. Autores como Arne Naess (1912-2009), filósofo ecologista norueguês, e Aldo Leopold (1887-1948), que fundou a ciência da conservação nos EUA, propõem, respectivamente, o ecocentrismo e a ética da terra, que estendem o valor moral intrínseco a todos os componentes da biosfera. Sob esta perspectiva, a natureza não é apenas um recurso à disposição da humanidade, mas um conjunto interdependente de seres com direitos próprios. Assim considerada, a mitigação das alterações climáticas deixa de ser apenas um

agrupamento escolar de Castro Marim para cerca de 60 alunos no âmbito das ações de educação ambiental enquadradas no programa Bandeira Azul, cujo tema este ano é o Restauro da Natureza.

SalC inclui também uma secção de educação ambiental que se subdivide em duas vertentes: uma com públicos mais técnicos, cientistas e produtores de sal; e outra (fora da caixa de que falaremos em pormenor num próximo artigo) com públicos generalistas desde as escolas do município aos adultos e potenciais eco-turistas. Mas levantemos um pouco o véu: a ética ambiental, ao propor limites morais à ação humana sobre os ecossistemas, costuma estar ancorada em argumentos científicos, jurídicos ou de sobrevivência. No entanto, um campo menos explorado — e não menos fundamental é o da Estética Ambiental: a ideia de que a experiência sensível da beleza natural pode e deve ser um fundamento ético na maneira como nos relacionamos com o mundo natural.

A estética ambiental, longe de ser uma abstração, tem implicações práticas. Ao educar a percepção, ela transforma o olhar e, por consequência, o agir. Comunidades que desenvolvem sensibilidade estética pela paisagem tendem a defender o seu território com mais empenho. Desde Platão, passando por Kant, até aos pensadores contemporâneos, a filosofia reconhece que a experiência da beleza possui um poder formativo — desperta admiração, humildade e uma sensação de pertença. Kant, na *Crítica da Faculdade do Juízo*, defende que o juízo estético puro é desinteressado: admiramos o belo não pela sua utilidade, mas por si mesmo. Esse desinteresse ensina-nos a valorizar algo sem querer possuí-lo ou dominá-lo — uma postura profundamente ecológica.

Assim, o contacto com a beleza das salinas, a brancura transparente dos cristalizadores e o pulsar de vida de todo o ecossistema na sua biodiversidade não são apenas experiências sensoriais: elas são formadoras de sensibilidade ética. A natureza, neste sentido, educa-nos. E nós, maravilhados, tornamo-nos naturalmente e sem esforço seus protectores. 

17 Maio 2025 |
Casa Álvaro de Campos | Tavira
16:30 | Português | Café Filosófico:
SalC e o Carbono Branco
6:30 pm | English | Café Philo:
SalC and the White Carbon

Inscrições/ to book:
filosofiamjn@gmail.com

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia